

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: _____

Data: 09.11.81

Pg.: _____

190 Nossos índios vistos em raros documentos

FROTA NETO

Especial para a "Folha"

GENEBRA — Eles não têm cerâmica nem tecelagem. Dormem em esteiras sobre o chão. Cozinham seus alimentos em buracos cavados direto na terra. Pintam os corpos e se embelezam com a ajuda da plumagem dos pássaros. Eles são índios brasileiros do grupo conhecido como Xikrin, objetos de um riquíssimo documentário fotográfico, que exigiu um ano inteiro de dedicação do etnólogo suíço René Fuerst, e que agora será publicado numa obra de grande porte de 300 páginas, sendo ilustrado também com imagens em "gouache".

Dedicando-se há vinte anos a tornar conhecidos os índios da Amazônia, René Fuerst é atualmente secretário geral da Sociedade dos Ameríndios, instalada no Museu de Etnologia da Cidade de Genebra. Seu trabalho junto aos xikrin contou com o apoio financeiro do Fundo Nacional Suíço de Pesquisa Científica. Pelo que acredita René, esse trabalho agora a ser tornado público salvará para a posteridade a lembrança dessas culturas e contribuirá para evitar que a integração forçada dessas populações faça desaparecer, por completo, esses distintos grupos étnicos.

CONTATOS IRREVERSÍVEIS

O estudo é feito sobre os índios Kaiapó, do grupo Xikrin. Segundo relato feito por René, a maior parte da documentação fotográfica foi realizada durante os anos 60. Ou seja, entre o primeiro contato e o contato definitivo desses índios até então refratários a qualquer tipo de contato com a civilização. Como a partir dessa relação com os civilizados as consequências que se produzem são irreversíveis na ambiência do silvícola, o pesquisador de Genebra, pode-se dizer, foi o único a

poder observar e documentar no local esse momento histórico e cultural tal como se produzia nos costumes desse grupamento indígena.

No documento que publicará, René Fuerst contará os contatos pessoais que teve com um velho chefe Xikrin que nasceu no início do século e que morreu em 1970. O testemunho desse chefe índio se torna, desse modo, uma espécie de relato histórico sobre o seu próprio povo, porque substitui narrativas escritas face a um povo que conta tão só com a tradição oral.

COSTUMES

Quanto ao estudo etnográfico propriamente dito, há as indicações sobre os costumes das necessidades humanas mais elementares entre os Xikrin, tais como alimentação, moradia e ornamentação. E, este é um ponto de destaque quanto a esse grupo, ao contrário da grande maioria dos índios brasileiros.

Os Xikrin não produziam cerâmica nem teciam. Até há quinze anos não usavam panelas nem redes. Cozinham seus alimentos em buracos cavados na terra, abafando-os num procedimento que se poderia chamar de "forno de terra" e dormiam sobre esteiras postas sobre o solo. Um povo, assim, como que saído direto da pré-história para o século 20.

O aspecto mais destacado por Fuerst, porém, diz respeito à arte consumada com a qual os Xikrin pintavam seus corpos, embelezando-os com a ajuda das penas dos pássaros. Esse aspecto no trabalho fotográfico do pesquisador de Genebra será complementado com descrição em "gouache", ilustrando com precisão e detalhe minuciosos o que é demonstrado nas fotografias, e que fazem dessas pinturas documentos iconográficos raríssimos.